

Análise linguístico-discursiva da relação de influência da Redação *Galileu* sobre seu leitor em notícias de divulgação científica

Linguistic-discursive analysis about the influence relation of the Galileu magazine on its reader in scientific dissemination news

Eduardo Paré Glück ¹

Marcos Filipe Zandonai ²

RESUMO

No escopo da Divulgação Científica Midiática (DCM), este estudo toma como objetivo principal investigar como o enunciador divulgador de ciência influencia o seu leitor em notícias de DCM da revista *Galileu online*. Buscamos, mais especificamente, descrever as modalidades enunciativas, principalmente a alocutiva, em seus expedientes de posicionamento do destinatário e de enquadramento dos objetos da ciência. Valemo-nos, do ponto de vista teórico, de categorias do Modo de Organização Enunciativo, postuladas por Charaudeau (2014) e retrabalhadas por Sabino (2018). Em uma abordagem qualitativa, os resultados mostram que o ato alocutivo pode ser discursivizado sub-repticiamente – para além dos formatos convencionais de Injunção, Interpelação etc. – e concatenado a estratégias pragmáticas congruentes ao público da revista. A preservação de face e o componente didático parecem determinar os arranjos do alocutivo. Concluímos que o gênero notícia de DCM não se exime da influência, do fazer-fazer, como visada, mas que há restrições para sua discursivização, sendo a modalidade alocutiva preponderante no início das notícias.

Palavras-chave: Divulgação científica midiática. Ato alocutivo. Revista *Galileu*.

ABSTRACT

Within the scope of Scientific Dissemination in the Media, this study aims to investigate how the scientific enunciator as a disseminator influences the reader through news produced by *Galileu online* magazine, functioning as a Scientific Dissemination in the Media. More specifically, we sought to describe the enunciative modalities, mainly the allocative, in their expedients of positioning the recipient and framing the objects of science. From the theoretical point of view, we use categories of the Enunciative Organization Mode, postulated by Charaudeau (2014) and reworked by Sabino (2018). Based on a qualitative approach, the results show that the allocative act can be discursivized surreptitiously - in addition to the conventional formats of Injunction, Interpellation etc. - and linked to pragmatic strategies congruent to the magazine's audience. The preservation of the face and the didactic component seem to determine the arrangements of the allocative. We conclude that Scientific Dissemination in the Media through news genre does not exempt itself from influence, from making-making, as a discursive aim, but that there are restrictions for its discursivization, being the allocative modality predominant at the beginning of the news.

Keywords: Scientific Dissemination in the Media. Allocative act. *Galileu Magazine*.

¹ Doutorando em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo/RS, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5032-9582>. E-mail: eduardogluck@gmail.com.

² Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo/RS, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7731-8533>. E-mail: marcosfzan@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta resultados de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do grupo *Comunicação da Ciência: Estudos Linguístico-discursivos* (CCELD), coordenado pela Profa. Dra. Maria Eduarda Giering, e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), que realiza pesquisas relativas à Divulgação Científica Midiática³ (especialmente em textos publicados em revistas como Galileu e Superinteressante), examinando, no âmbito da Análise do Discurso, o *ethos* discursivo, os diferentes parceiros do ato enunciativo etc. Nesse ínterim, enquanto grupo, despertou nossa atenção se é possível que o divulgador científico aja enunciativamente sobre o seu interlocutor, incitando-o à ação, em textos do gênero notícia, do domínio da Divulgação Científica Midiática.

Assumimos que o regime de influência está sempre presente na comunicação, mesmo em discursos de transmissão de saberes, e que o procedimento explícito de impor um comportamento ao enunciatário (aconselhar, convidar etc.), a modalidade alocutiva, é recorrente em artigos de DC (FUCHS; SOUZA; GIERING, 2009). Desse modo, o interesse é analisar algo que, à primeira instância, é contra-intuitivo na abordagem de notícias, nas quais a 3ª pessoa tende a se destacar. Porém, ocorre que, em nossas lidas com revistas deste segmento, fomos constatando a presença da visada discursiva de fazer-fazer.

Por essa razão, cabem as indagações: que cálculos estratégicos e que negociações sobre o objeto de discurso e sobre o projeto de fala entram em jogo quando do enunciado incitativo em um texto noticioso?

Para tratarmos do Modo de Organização Enunciativo (MOE), isto é, da posição dos sujeitos e as relações entre eles em um ato comunicativo, conforme Charaudeau (2014), é fundamental considerarmos o nível no qual ele está inserido. Isto é, quando falamos em competência da linguagem, Charaudeau (2014) considera que o enunciatário está em uma situação de intercâmbio específica e que isso determina parcialmente os recursos da linguagem que esse sujeito possa utilizar. Para Charaudeau (2014), a competência de comunicação divide-se em três níveis: discursivo, situacional e semiolinguístico. Esses níveis não “sobrevivem” um sem o outro, ou seja, na Semiologia, precisamos ter em mente esses níveis, a tríplice competência. O MOE está no nível discursivo, em que há três ordens: enunciativa, enunciatária e semântica. Neste artigo, focaremos na

³ Neste trabalho, empregamos a sigla DCM para designar esta atividade, a de *Divulgação Científica Midiática*. Por vezes, também utilizamos DC (para *Divulgação Científica*), em referência à atividade mais genérica (a iniciativa, o propósito sociocomunicativo) de recontextualização dos saberes científicos em situações comunicacionais não-especializadas.





primeira, por meio do exame da modalização do discurso e da construção dos papéis alocutivo, elocutivo e delocutivo.

Propulsionados pela mirada exploratória, relatada nos parágrafos 1 e 2 desta Introdução, formulamos a hipótese de que a modalidade alocutiva estabelece certos papéis aos sujeitos convocados no discurso (o tu-destinatário, o cientista evocado por discurso citado, o eu-enunciador), para além do arranjo superioridade-inferioridade (CHARAUDEAU, 2014).

Nossa investigação justifica-se pela necessidade de compreendermos o papel da influência direta em notícias de DCM, pois a redação *Galileu* e o próprio *Grupo Globo* tendem a priorizar a seriedade (O GLOBO, c2011), evitando a implicação dos *ânimos* do auditório. Coextensivamente a esse fator contextual, com que recursos (imaginários, implícitos etc.) o influenciar é equacionado em um enquadre noticioso?

O objetivo principal deste estudo é investigar como o enunciador divulgador de ciência influencia o seu leitor em notícias de DCM da revista *Galileu online*. Especificamente, objetivamos descrever as modalidades enunciativas, principalmente a alocutiva, em seus expedientes de posicionamento do destinatário e de enquadramento dos temas científicos.

Na sequência, expomos a fundamentação teórica que embasa a análise.

2 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E A REVISTA *GALILEU*

Consoante Charaudeau (2016a), a DCM objetiva informar resultados de pesquisas científicas ou explicar temas da ciência para um grande público. Portanto, a DCM tem finalidades próprias, sendo voltada para um público não especialista e mais diversificado em comparação com a comunicação científica entre pares (público-alvo mais restrito). De acordo com Charaudeau (2016a, p. 1), a finalidade DCM consiste em “[...] tornar (o conhecimento) acessível a um grande número de indivíduos (divulgar e difundir) os resultados das pesquisas científicas”. Trata-se de uma finalidade tanto educativa quanto cidadã (CHARAUDEAU, 2016a).

Além disso, é preciso considerar que fazer divulgação científica não é uma tarefa fácil, visto que, para Charaudeau (2016a), o divulgador encontra-se em uma linha tênue entre manter seu leitor informado sobre os assuntos da ciência e vender seus produtos. Em outras palavras, entre o fazer-saber e a captação, finalidades estas pertencentes à atividade de DCM.

No domínio específico da DCM, Charaudeau (2016a) aponta quatro tipos de restrições: (a) restrição de visibilidade; (b) restrição de legibilidade; (c) restrição de seriedade; e (d) restrição de



emocionalidade. De forma sintética, a restrição de visibilidade atende às questões de “selecionar apenas os fatos científicos que provocarão um impacto mais ou menos imediato sobre a vida cotidiana dos indivíduos” (CHARAUDEAU, 2016a, p. 6); a restrição de legibilidade concerne às questões do léxico, da construção frásica, bem como a “textos, títulos e subtítulos, imagens e grafismos de maneira a permitir, ao mesmo tempo, uma compreensão mais imediata” (2016a, p. 6); a restrição de seriedade é marcada para mediar “a distância entre a linguagem científica e a compreensão de um público aberto” (CHARAUDEAU, 2016a, p. 6); por sua vez, a restrição de emocionalidade está na instância de captar seu leitor, de forma a levar a “pesquisa científica como uma aventura em busca da verdade” (CHARAUDEAU, 2016a, p. 6-7).

Dentro do domínio da DCM, no Brasil, temos a revista *Galileu*, uma revista de DC de publicação mensal da *Editora Globo*, e que, desde 1991, aborda assuntos ligados à ciência, à história, à tecnologia, à religião e à saúde, principalmente. Ao digitarmos “Revista Galileu” no *Google*⁴, nas primeiras ocorrências, temos a seguinte apresentação: “tudo sobre ciência, tecnologia, cultura, cinema, artes, séries de tv, sociedade, comportamento, vestibular e Enem e lifehacks”.

Vistos o objetivo e a temática dominante na *Galileu*, quem é que fala nesse veículo? O sujeito enunciativo das notícias da aba Ciência é Redação *Galileu*, visto que é a assinatura que aparece ao final dos textos. Isso nos faz atrelar o sujeito comunicante a profissionais da área de Comunicação Social, o que, aliás, é comprovado na seção Expediente do site da *Galileu*, na qual arrolam-se os nomes dos vários profissionais e suas atribuições (GALILEU, 2016).

Além disso, a assinatura *Redação Galileu* constitui um apagamento da subjetividade autoral, em um imaginário de seriedade relativa aos encaminhamentos de serviço entre um e outro profissional da revista. Essa checagem entre pares é prevista nos Princípios Editoriais do *Grupo Globo*: “Todo repórter é responsável pela exatidão daquilo que apura, mas, como em jornalismo quase tudo se faz coletivamente, todos os envolvidos na edição de uma reportagem devem estar atentos para perceber inexatidões” (O GLOBO, c2011).

Quem é o público da revista *Galileu*? A revista tem como principal foco atingir leitores jovens e dinâmicos, ligados em informática, em novidades de última tecnologia. A partir desse seu escopo, assumimos que ela exerce papel importante na popularização da ciência em mídia eletrônica brasileira (O GLOBO, 2009).

Parece haver um esforço por parte da instância de produção da informação em apresentar as temáticas científicas segundo um regime de *amizade*, reproduzindo a fidedignidade e a sinergia própria de

⁴ Disponível em: encurtador.com.br/pqIL0. Acesso em: 30 mar. 2021.





jovens e adolescentes. Afinal, como mostra Midiakit (2015, p. 2), “ela [a revista *Galileu*] tira o leitor da zona de conforto ao tratar de assuntos polêmicos, explica o mundo de igual para igual, como um amigo inteligente e descolado e ajuda o leitor nas questões do seu dia a dia” (MIDIAKIT, 2015, p. 2). Em vez de assimetria *mestre-jovem*, ocorre a simetria do *paço de jovem para jovem*. Segundo o Midiakit da editora *Globo*, a *Galileu* é dirigida a um público jovem (entre 16 e 34 anos), e sua edição digital alcança 17.760 visualizações/mês. Com isso, o destinatário das publicações são pessoas das três faixas de juventude; além de adolescentes e jovens, inclui a categoria específica *adulto jovem*⁵.

3 A SEMIOLINGUÍSTICA E O MODO DE ORGANIZAÇÃO ENUNCIATIVO

Ao produzir uma notícia de divulgação científica, geralmente, o produtor textual traz a baila um especialista da área abordada, a fim de dar embasamento e tornar sua matéria mais credível. Quando isso ocorre, além da voz do especialista, ele descreve o estudo realizado, visando tornar seu texto acessível a um público não especializado, heterogêneo. Contudo, pode acontecer que um locutor se marque enunciativamente, estando numa relação de influência sobre o outro. E é justamente nesse tocante que esta pesquisa se encontra. Por isso, procuramos desvelar algumas marcas linguísticas que revelam posições enunciativas. Para isso, tratamos dos aspectos internos da linguagem. Dessa forma, trabalhamos com o que Charaudeau (2014) chama de Modo de Organização Enunciativo (MOE). Para Charaudeau (2014, p. 81), “o enunciativo é uma categoria de discurso que aponta para a maneira pela qual o sujeito falante age na encenação do ato de comunicação.”. Quanto à modalidade enunciativa, “ele [...] não deve ser confundido com a situação de comunicação. Nesta última, encontram-se os parceiros do ato de linguagem – seres sociais, externos à linguagem. No enunciativo, o foco está voltado para os protagonistas, seres de fala, internos à linguagem” (CHARAUDEAU, 2014, p. 8).

Desse modo, ao estudarmos o Modo de Organização Enunciativo, é preciso analisarmos qual ato enunciativo o divulgador atribui a si e a seu interlocutor (o leitor). Para Charaudeau (2014), há três funções da modalidade enunciativa, que são: alocutiva (estabelecer relação de influência entre locutor e interlocutor), elocutiva (revelar o ponto de vista do locutor) e delocutiva (retomar a fala de um terceiro).

⁵ Com isso, o adulto jovem, da etapa posterior aos 24 anos, também é alvo da Galileu. Isso se explica pela segmentação que a Organização Mundial da Saúde (OMS) propõe das fases da vida e da juventude: pré-adolescência: dos 10 aos 14 anos; adolescência: dos 15 aos 19 anos completos; juventude: dos 15 aos 24 anos (FASE, 2017?).





De acordo com o pesquisador (2014, p. 83), na função elocutiva, “o sujeito falante enuncia seu ponto de vista sobre o mundo (o propósito referencial), sem que o interlocutor esteja implicado nessa tomada de posição.”. Isto é, sobreleva-se a manifestação do *eu*, que, neste caso, é o do produtor textual, o modo como se relaciona consigo mesmo. Na função alocutiva, segundo Charaudeau (2014, p. 82), “o sujeito falante enuncia sua posição em relação ao interlocutor no momento em que, com o seu dizer, o implica e lhe impõe um comportamento.”. Em outras palavras, pela função alocutiva, será estudada a relação de influência, isto é, como o divulgador age enunciativamente sobre o público leitor.

Já na função delocutiva, segundo Charaudeau (2014, p. 83), “o sujeito falante se apaga de seu ato de enunciação e não implica seu interlocutor. Ele testemunha a maneira pela qual os discursos do mundo se impõem a ele.”. Ou seja, na função delocutiva, será analisado como o produtor textual *desaparece* no seu ato de enunciação, deixando que o discurso fale por si só.

Nesta análise, focamos na modalidade alocutiva, a fim de investigar como o enunciador divulgador de ciência influencia o seu leitor em notícias de DCM da revista *Galileu online*. Além disso, examinamos os efeitos dessa configuração enunciativa na comunicação científica, bem como seu lugar na jogada noticiosa de ciência. Para enfocar as três funções do MOE, Charaudeau (2014) concentra-se nos procedimentos da construção enunciativa, pois essa relação permite observar os atos enunciativos e as relações de força que há entre as posições de Eu-enunciador e Tu-destinatário. Esses procedimentos estão sistematizados no quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Procedimentos da construção enunciativa

COMPORTAMENTOS ENUNCIATIVOS	ESPECIFICAÇÕES ENUNCIATIVAS	CATEGORIAS DE LÍNGUA
RELAÇÃO DE INFLUÊNCIA (relação do locutor ao interlocutor) ⇒ ALOCUTIVO	Relação de força (locutor/interlocutor) + -	Interpelação Injunção Autorização Aviso Julgamento Sugestão Proposta
	Relação de pedido (locutor/interlocutor) - +	Interrogação Petição
PONTO DE VISTA SOBRE O MUNDO (relação do locutor consigo mesmo) ⇒ ELOCUTIVO	Modo de saber	Constatação Saber/ignorância
	Avaliação	Opinião Apreciação
	Motivação	Obrigação Possibilidade Querer
	Engajamento	Promessa Aceitação/recusa Acordo/desacordo Declaração
	Decisão	Proclamação
APAGAMENTO DO PONTO DE VISTA (relação do locutor com um terceiro) ⇒ DELOCUTIVO	como o mundo se impõe	Asserção
	como outro fala	Discurso relatado

Fonte: Charaudeau (2014, p. 85)

Essas características do MOE são mobilizadas na seção de análise (seção 5).

Antecedendo a influência como propriedade do arranjo enunciativo do texto, é necessário ponderar que “*todo sujeito* que produz um ato de linguagem visa atingir seu parceiro, seja para *fazê-lo agir*, seja para afetá-lo emocionalmente, seja para orientar seu pensamento” (CHARAUDEAU, 2005, p. 6, grifo nosso). A partir disto, o locutor calcula, conforme as circunstâncias do gênero, *como* irá influenciar. Galgando para o nível discursivo, o lugar do projeto individual de fala, é na *condição de captação* que a influência se estabelece como indispensável à construção do sentido (CHARAUDEAU, 2005). Ela permite ao sujeito locutor responder à problemática de *como atingir as disposições do ouvinte* (CHARAUDEAU, 2005).

Com isso, a influência realizada no nível discursivo comuta o problema da *influência-regulação* (estabelecer relação), instância do nível comunicacional que tem mais a ver com a modalidade enunciativa (CHARAUDEAU, 2005; 2016b). Ou seja, é essa força persuasiva anterior que leva o





sujeito a organizar o discurso para a impor um ato, interrogando-se: *como entrar em contato com o outro?; quão forte pode ser minha imposição?*

A influência-regulação – elemento primeiro do quadro dos procedimentos de influência em Charaudeau (2016b, p. 4) – corresponde aos rituais de tomada de contato, um dos componentes do processo de influência. Por isso, todo locutor interroga “*como entrar em contato com o outro, através de qual relação?*”, pergunta que só faz sentido para um sujeito que influencia marcado por restrições situacionais (CHARAUDEAU, 2016b). O estabelecimento de relação significa “se interrogar sobre o processo de ‘fazer contato’, sabendo que entrar em contato com o outro é, para o sujeito falante, um ato de imposição de sua presença ao outro, e sabendo que toda realização de uma relação instaura posições de superioridade/inferioridade” (CHARAUDEAU, 2016, p. 3). Vejamos que a relação entre influência e a modalidade enunciativa é evidente. A resolução da influência, nesses moldes, dá-se nos Modos de Organização do Discurso, camada do projeto individual (CHARAUDEAU, 2005), e, para nós, especialmente na modalidade enunciativa, o lugar da relação entre os sujeitos.

De modo a complementar aos conceitos referentes aos componentes do modo enunciativo, adotamos também os postulados de Sabino (2018), porque, nas fases iniciais de análise, vimos a necessidade de entender as ocorrências que não eram configurações explícitas ou implícitas do alocutivo – aquelas em que a implicação é mais evidente no texto, previstas em Charaudeau (2014) – e as ocorrências sem identidade unívoca como alocutivo. Nesse enfoque, à luz do aparato conceitual de Sabino (2018), adotamos, então, uma categorização mais recente, que consiste na seguinte divisão: enunciados *alocutivos formais*, de um lado, e *alocutivos dialógicos*.

Os alocutivos formais “seriam aqueles que reproduzem os padrões linguísticos que implicam numa interpelação marcada do interlocutor, feita em geral pela forma verbal no imperativo, por formas pronominais (definidas ou indefinidas), por nomes próprios, formas interrogativas” (SABINO, 2018, p. 111). No caso de nosso *corpus*, a referida *interpelação* é apropriada como *implicação* somente, porquanto é improvável que apenas a categoria modal Interpelação compareça em textos de DCM com modalidade alocutiva. Quanto aos alocutivos dialógicos, “seriam aqueles que, independentemente da forma linguística ou uso de certos padrões funcionais, estariam inseridos num processo interativo (dialógico/dialogal) determinado pela própria dinâmica do gênero comentário”. (2018, p. 111). Os alocutivos dialógicos são as atitudes alocutivas que não estruturam de maneira *direta* a implicação do alocutário (SABINO, 2018). Essa diferenciação nova a que se atribui o termo “*dialógico*” daria conta da influência que se percebe inferencialmente e/ou que se depreende do processo interativo em jogo. Na análise, na subseção 5.2, situamos esse tipo de modalidade alocutiva



junto aos casos de alocutivo em configuração implícita, ainda previstos em Charaudeau (2014) e, portanto, um pouco mais convencionais. Essa divisão serve para facilitar nossa organização, refletindo a seguinte divisão de base: alocutivos + diretos *vs.* alocutivos - diretos. Os dialógicos é que rompem mais com o que já sabíamos da literatura (CHARAUDEAU, 2014), não estabelecendo na tessitura textual as posições de sujeito tão marcadamente.

É a partir da noção de *alocutivo dialógico* que podemos contemplar os empregos de modalidade alocutiva que se dão *por meio* da estratégia formal de uma construção *delocutiva*. A propósito, no *corpus* de comentários *online* de Sabino, os enunciados alocutivos expressos em modalidade delocutiva são entendidos como recursos de preservação da face dos interlocutores, devido ao apagamento do locutor no enunciado (SABINO, 2018).

Devido a essa possibilidade de implicação indireta, nem sempre é possível uma separação rígida dos três comportamentos enunciativos (SABINO, 2018). Isso vai ao encontro da concepção de Emediato (2015, p. 176-177): “não seria também exagero supor que as atitudes heterocentradas (falar do mundo e dos outros) serviriam a uma visada alocentrada (influenciar o outro, agir sobre suas crenças) e que também as atitudes egocentradas (a egomostração) poderiam servir a uma visada alocentrada (seduzir o outro)”.

Quanto ao *corpus* de Sabino (2018), “o espaço construído nesses comentários é o de provocação, de ofensa e de ataques, em que, a princípio, não demonstra preocupação com a face do outro e consigo mesmo [...]”. Por tal razão, a autora relaciona as categorias modais Interpeleção, Injunção, Julgamento e Interrogação com a teoria das faces, de Brown e Levinson (1987 *apud* SABINO, 2018), para melhor descrever as posturas dos comentaristas. É que a atitude alocentrada seria um ato ameaçador⁶, um invadir o território do interlocutor, o que pode ser contrabalançado com a premissa de que os sujeitos constantemente buscam minimizar a ameaça (BROWN; LEVINSON, 1987 *apud* SABINO, 2018).

Para tanto, as práticas ameaçadoras poderão efetuar-se de duas maneiras distintas: (1) como ameaçadores explícitos (2) e como ameaçadores muito polidos, *off record*. (BROWN; LEVINSON, 1987 *apud* SABINO, 2018). Da primeira categoria, ato ameaçador *on record* (direto), destacamos um subtipo: aquele *com ação reparadora*. Neste, consoante aos autores (1987 *apud* SABINO, 2018), o locutor não se constrange em realizar o ato ameaçador, implicando o alocutário, mas contrabalança isso com a ação reparadora, visando a preservar a face do seu interlocutor e mostrar que compactua

⁶ De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2004), as faces são permanentemente alvo de ameaças, gerando nos sujeitos um anseio por sua preservação. Além disso, ao tentar resguardar a face do outro, é necessário que o locutor zele para também não perder a própria face (a sua honra, sua dignidade).



com as preferências dele. A ação reparadora da ameaça *on record*, por sua vez, subdivide-se em: estratégias de polidez negativa e estratégias de polidez positiva (BROWN; LEVINSON, 1987 *apud* SABINO, 2018).

Três grades de sentido podem ser estabelecidas para agrupar essas variadas ocorrências de *modalidade alocutiva entendida como ato ameaçador*⁷, a saber: Interpelação a alguém específico; Interpelação dirigida a um terceiro ausente (formas de generalização ou indeterminação, seja do ameaçador seja do ameaçante); e Interpelação por uma relação afetiva (táticas de aproximação) (SABINO, 2018), cada qual contando com estratégias de polidez.

4 METODOLOGIA

O *corpus* desta pesquisa são três notícias de DCM extraídas da aba Ciência do *site* da revista *Galileu* entre novembro e dezembro de 2018. Após uma procura no *site* por notícias que contivessem o fazer-fazer explícito, chegamos a um rol de notícias com evidências linguísticas da modalidade alocutiva. Mas, para chegarmos à seleção final de três notícias – em prol de uma análise mais aprofundada –, estabelecemos os critérios *temática, área de conhecimento científico e período*.

Em relação à temática e à área, para fins deste artigo, do conjunto de temas noticiados pela revista, optamos por selecionar notícias com temas bem distintos para favorecer a obtenção de dados de fazer-fazer em configurações linguísticas também variadas. O resultado foi: (i) o fazer-fazer *sobre a saúde humana*; (ii) o fazer-fazer *sobre animais ou fósseis*; e (iii) o fazer-fazer dirigido ao Universo.

Quanto ao período de publicação das notícias (todas datam do segundo semestre de 2018), isso se deve ao fato de que um dos autores deste artigo, Glück, estava realizando estudos especialmente sobre modalidade alocutiva neste período. Logo, a temporalidade das notícias coincide com este momento de coleta. Posteriormente, entretanto, a pesquisa foi ganhando novos contornos, devido à hipótese de que talvez certas temáticas encaminhassem para a modalidade alocutiva (como a questão dos cuidados com a saúde).

As notícias foram segmentadas, numerando-as, da primeira proposição-enunciado do texto, correspondente ao título, até a última, em unidades textuais de base, demarcadas tipograficamente com a numeração devido ao fato de terem um revestimento mínimo de predicação e serem investimentos mínimos de visada. E também para facilitar a referenciação no relato analítico. Para

⁷ As ameaças, no estudo de Sabino (2018), são: (1) implicar o interlocutor atenuando o tom ameaçador (*on record*); (2) pleitear aprovação diante do interlocutor (*on record*) ou (3) isentar-se do ato (*off record*).





fins deste artigo, os segmentos analisados e também os *links* para as notícias que integram o *corpus* encontram-se na seção 5.

Após esse preparo do *corpus*, identificamos a organização macroestrutural das notícias e dos seus fins discursivos. Logo depois, descrevemos qualitativamente as ocorrências mais acessíveis do comportamento alocutivo (delimitando os MOE). Nessa etapa, também racionalizamos categorias analíticas mais contextualizadas, *in loco*. Motivados por essa descrição sumária, adotamos os referenciais de Sabino (2018).

Detectamos certas *regularidades*, o que está em conformidade com a busca por possíveis interpretativos, atinentes às *representações coletivas* próprias de grupo social, segundo orientação de Charaudeau (2009); seriam representações que subjazem às manifestações do alocutivo. À título de ilustração, detectamos a *modalidade alocutiva usada com o propósito de sensibilização/motivação para o tema, o alocutivo veiculado por meio de modalidade delocutiva como forma de preservação da face*, entre outras.

Consoante Charaudeau (2014, p. 63, grifo nosso), “o sujeito analisante está em uma posição de *coletor* de pontos de vista interpretativos e, por meio da comparação, deve extrair *constantes* e *variáveis* do processo analisado”. Esses pontos de vista, os microuniversos de influência, consistiram, de maneira mais ampla, de: *alocutivos formais* e *alocutivos dialógicos ou implícitos*. Mas de maneira mais específica (agrupados por estes dois), foram: *modalidade alocutiva veiculada por meio de modalidade elocutiva como forma de convite à ciência; modalidade alocutiva por intermédio de modalidade delocutiva como efeito de objetividade; modalidade alocutiva formal de Interpelação como recurso de polidez e aproximação*, entre outras.

Neste artigo, essas diferentes ordens comunicativas da atitude alocentrada, discursivizadas e devidas ao contrato de DCM, são tratadas, de maneira indutiva, dentro das duas categorias mais amplas que encontramos: da influência direta e da influência indireta. Dito isso, a seguir, passamos para a análise dos dados.

5 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

De modo geral, os três textos analisados são predominantemente delocutivos, em que há o apagamento do ponto de vista do locutor (CHARAUDEAU, 2014), trazendo especialistas das áreas em questão. Entretanto, encontramos segmentos em que identificamos a relação de influência sobre o outro (comportamento alocutivo), os quais veremos a seguir. Nesta pesquisa, para fins de análise, chamamos as notícias de NDC1 (CIENTISTAS...; 2018), NDC2 (VOCÊ...; 2018) e NDC3 (VEJA...; 2018).





5.1 Modalidade alocutiva formal para diferentes propósitos

No início do texto principal de *Cientistas revelam mais detalhes de mamífero gigante de nove toneladas* (NDC1), as ocorrências da modalidade alocutiva estão nos períodos 3 e 4:

(3) **Pegue** uma tartaruga e **cruze** com um rinoceronte. (4) **Multiplique** por quatro e o resultado provavelmente seria algo como o *Lisowicia bojani*, como foi chamado um fóssil de mamífero de nove toneladas que viveu há mais de 200 milhões de anos encontrado em um poço de argila da aldeia de Lisowice, cerca de 100 quilômetros a noroeste de Cracóvia, no sul da Polônia. (NDC1).

Essa relação alocutiva está para a categoria de língua *Injunção*. Ora, o locutor estabelece uma ação a realizar, para o interlocutor, que este *imagine* o resultado de um cruzamento (reprodução entre animais de espécies diferentes: rinoceronte e tartaruga) e, conseqüentemente, *imagine* o tamanho do animal. Trata-se de um propósito didático e, com isso, a Injunção é amistosa, à medida que aposta na competência do destinatário.

A modalidade alocutiva perfaz-se, aí, pela categoria modal Injunção, porque o locutor atribui a si um estatuto de poder (CHARAUDEAU, 2014) por meio dos três verbos no modo imperativo. Mas devido ao fato de a conexão “*tartaruga + rinoceronte = Lisowicia bojani*” ser um cálculo aproximativo quanto ao fenótipo do animal, o divulgador utiliza o advérbio “provavelmente” e o verbo “ser” no futuro do pretérito. O advérbio e a flexão verbal revelam a suposição desse universo de categorização do objeto. É como se essas marcas linguísticas deixassem o subentendido: *voce (leitor) pode apenas imaginar algo aproximado*. Isso confere posição mais *elevada* à ciência.

Ademais da Injunção, ocorre ali uma negociação do conceito do achado científico com o interlocutor, que se perfaz como sobredestinatário, na operação do dialogismo interacional constitutivo⁸ (MOIRAND, 1999). Dizer que *Lisowicia bojani* é como filhote de tartaruga e rinoceronte (asserção) não parece tão atrativo como as interpelações que, como ali acontece, estimulam uma *montagem* por parte do leitor, enfatizando a didaticidade.

Na seqüência, analisamos outra expressão de modalidade alocutiva formal, utilizada no primeiro parágrafo do texto principal da NDC2 e para fins de sensibilização.

⁸ Segundo Moirand (1999), o dialogismo interacional constitutivo, típico das explicações didáticas, caracteriza-se pelos enunciados monológicos (assumidos por *um* locutor) que parecem responder às perguntas que esse locutor imagina ser do seu leitor. Isso dinamiza ainda mais a interação/o diálogo com o leitor.



(4) Quantas batatas fritas vêm em uma porção? (5) Segundo o médico Eric Rimm, da Escola de Saúde Pública da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, deveriam vir no máximo seis, pois elas são “uma bomba de amido” e fazem mal à saúde.

Essa relação alocutiva está para a categoria de língua Interrogação, em uma relação de pedido. Mas também ocorre o ato alocutivo (ou categoria modal) de Julgamento.

Falando primeiramente da Interrogação, o enunciador pergunta ao leitor quantas batatas fritas vêm em uma porção, para, no segmento 5, informar que deveriam ser no máximo seis. Essa interrogação é feita para gerar uma resposta na mente do leitor, o qual, nessa *mise-en-scène*, responderá segundo sua experiência prévia. O cálculo estratégico do enunciador é não apenas contar com o conhecimento prévio do leitor sobre a tal quantidade, mas mostrar que sua provável resposta *não coincide* com o número *ideal* de batatas apontado no estudo científico. Portanto, a manifestação de Eric Rimm (segmento 5) funcionará como *réplica* àquilo que os leitores lembram e respondem (segmento 4). O efeito dessa conexão seria o impacto de preocupação nos leitores, *sensibilizando-os*.

No segmento 4, o divulgador científico não desenvolve tão-somente uma pergunta, mas igualmente enuncia-se pela categoria modal de Julgamento. Isso porque a *Redação Galileu provoca* o enunciatário por intermédio da memória, dramatizando a informação, requisito para *cenografia do conselho*, marcante na NDC2.

Mas por que o Julgamento incide sobre um conteúdo implícito, da memória? Por que não se mencionam os possíveis hábitos dos leitores? Já que a intenção do enunciador é influenciar (relação de força), por modalidade alocutiva (Julgar e Injungir), a opção pela pressuposição é uma maneira de esse enunciador proteger a sua face, *Galileu* pretende manter *aliança* (o *falar de igual para igual com o jovem*), em vez de manter uma lição de moral ou *prepotência*. A modalidade alocutiva, aí, dá-se por relação afetiva⁹.

Continuando os casos de alocutivos formais, passemos ao segmento 16, desta mesma notícia.

(16) Se a batata é uma "bomba de amido" e as fritas trazem vários riscos para a saúde, ainda é possível consumir o vegetal? (17) A resposta é sim, mas com moderação. (NDC2).

O espírito de *camaradagem*, na lógica do *jovem para jovem*, atua no segmento 16. Afinal, o enunciador demonstra estar sintonizado com as prováveis inquietações do seu leitor. Esse segmento

⁹ Sabino (2018), ao analisar o viés afetivo que a modalidade alocutiva pode assumir, examina designações qualificativas que se referem e se dirigem ao sujeito alvo da implicação, mas que funcionam como qualificações de grupo, genéricas. Trata-se da estratégia de polidez pressuposição, utilizada dentro da modalidade alocutiva. “Como não diz diretamente a esses interlocutores, a sua face [do locutor] é preservada, deixando a interpretação ao(s) interlocutor(es)”. (SABINO, 2018, p. 123).



16 segue a lógica da *Interpelação por relação afetiva*, categoria formulada por Sabino (2018, p. 128) para dar conta dos enunciados em que o enunciatário é implicado, mas junto à tática de polidez do tipo “incluir o outro na atividade linguageira”. A pergunta seria um pacto *em favor* dele.

Isto posto, a categoria modal alocutiva em jogo não é apenas Interrogação, mas, também Interpelação, devido à encenação do *estamos juntos*. Como sendo uma categoria afetiva (SABINO, 2018), a redação *Galileu desce ao nível* dos leitores presumidos. Essa *Implicação por relação afetiva*, coincide, é claro, com o fenômeno já referido do dialogismo interacional constitutivo.

O último caso que exploramos, aqui, de modalidade alocutiva formal, localiza-se no título da NDC3. O alocutivo se percebe no modo imperativo “veja”: **(1) Veja fotos de galáxia antes e depois de reparo das lentes do Hubble.**

Essa relação alocutiva está para a categoria de língua *Injunção*, em uma relação de força sobre o enunciatário. O ato de ver é requisito para a reconstrução da coerência pelos leitores, e a Injunção assume um tom de convite, pois trata-se de compartilhar um *bem*, embora *imponha* a ação.

A Injunção e o fato de uma das imagens estar disposta exatamente abaixo da linha-fina, tendo, então, posição de destaque, constituem um procedimento de figurabilidade, da restrição de legibilidade. E do mesmo modo, ocorre o apelo da autenticação dos fatos, que torna a foto um *documento* (pretensão de credibilidade).

Essa ocorrência injuntiva destoa das ocorrências examinadas até aqui. Mesmo com a assimetria, o ato solicitado, o de ver as fotos, corresponde ao *mesmo* ato realizado pelos especialistas. O ato atribuído ao leitor não é um ato apenas motivador, propedêutico.

Podemos averiguar os segmentos 1, 6 e 11 da NDC3 de maneira conjunta, no relato analítico dos próximos parágrafos, para atestar esse efeito de sentido. No entanto, os segmentos 6 e 11 realizam essa influência *indiretamente*, motivo pelo qual os situamos na categoria *atos alocutivos dialógicos*, dos quais começaremos a falar na sequência, com o *gancho* dos segmentos 6 e 11 dessa NDC3.

5.2 Atos alocutivos dialógicos e modalidade alocutiva configurada implicitamente

(1) **Veja fotos** de galáxia antes e depois de reparo das lentes do Hubble

(6) **Para provar isso**, a NASA divulgou imagens que comparam a foto de uma galáxia localizada a 55 milhões de anos-luz.

(11) Para comemorar o 25º aniversário da missão de manutenção, a NASA divulgou **as duas imagens lado a lado para compará-las**.





Focando nesses segmentos e nas fotos, o enunciatário é alçado à função de *autenticador* da operação realizada pela NASA, envolvendo-se com o tema sob uma atmosfera de acesso direto à fonte. Por isso, o enunciatário é *promovido a parceiro*.

Mas é de maneira *impessoal* e com a ajuda de expressões anafóricas (“isso”, do segmento 6, e o oblíquo “-las”, do segmento 11) que as locuções adverbiais dos segmentos 6 e 11 instrumentalizam o fazer-fazer que implica checagem (o leitor como quem *valida* o conteúdo). O curioso é que o segmento 11 está modalizado elocutivamente, como Constatação. Por isso, a ação de comparar não implica explicitamente o enunciatário, para evitar sensacionalismo e *sinestesia* junto ao público jovem, em prol dos *fatos*, digamos, *objetivos*.

Uma provável ocorrência de modalidade alocutiva dialógica – não se trata de ato alocentrado em configuração implícita tão simplesmente –, a que nos chamou atenção é esta, da notícia sobre o fóssil:

(25) Em 2006, **a equipe recebeu uma dica de que alguém havia encontrado fragmentos ósseos no local**. (26) Em sua primeira visita, encontraram fósseis em 15 minutos; durante onze anos de trabalho de campo, escavaram mais de mil ossos. (NDC1).

O segmento 25 é elocutivo e estrutura-se como uma influência que não implica *diretamente* o enunciatário, mas dá a entender que pessoas comuns (como o “alguém”, ali mencionado, ou seja, *vocês leitores*) podem solicitar visitas de cientistas, caso tenham pistas de um achado científico em sua esfera (doméstica, do lar etc.).

Outra ocorrência de modalidade alocutiva configurada de maneira implícita está no segmento informacional 5 da notícia sobre batatas fritas (NDC2):

(1) **Você** deveria comer só seis batatas fritas por porção, **diz médico**. [...]. (5) Segundo o médico Eric Rimm, da Escola de Saúde Pública da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, **deveriam vir** no máximo seis, pois elas são “uma bomba de amido” e fazem mal à saúde.

O segmento 5 está modalizado delocutivamente, é certo, pois é uma citação, e faz uma paráfrase da prescrição introduzida no título. Contudo, dois elementos denotam o alocutivo *dialógico* do segmento 5: (1) o fato de esse segmento ser uma reiteração da modalidade alocutiva estabelecida no título – o que implica analisar os segmentos 1 e 5 juntos – e (2) o verbo “deveriam”.

O título (segmento 1) está enunciativamente na modalidade alocutiva e *também* na delocutiva, dada a Interpelação que recai sobre o alvo “você”. O apelo, como Injunção-sugestão, é *comer porção de seis*. Destarte, a orientação (fazer-fazer) veiculada pela soma de “você” com a locução verbal “deveria



comer” impõe um engajamento do enunciatário desde o início do texto. Ora, como frase nuclear, o conteúdo do título alocutivo é o mesmo desenvolvido no segmento 5.

Ademais, o verbo auxiliar “deveriam” exprime sugestão contundente, pois o radical “*deve*” é usado nos dois segmentos enquanto modalizador deôntico. Então, o composto *título+segmento 5* não abre para alternativas; o destinatário “recebe uma obrigação de fazer (ou de *dizer*) à qual se espera que ele se submeta” (CHARAUDEAU, 2009, p. 87, grifo do autor).

Nos segmentos 1 e 5, o que sobleva o aparelho enunciativo são o pronome genérico “você” (segmento 1) e o futuro do pretérito (“deveria comer”; “deveriam vir”, segmentos 1 e 5). Mas, para além disso, *o alocutivo está mesclado com o delocutivo nessas duas ocorrências*. E o segmento 5 nem mesmo elabora um *você* ou um verbo no imperativo, mas parece fixar uma memória textual da influência, ao recuperar/desenvolver a ideia do título.

O que ocorre no caso em tela são duas estratégias de encenação enunciativa que se complementam: a estratégia de responsabilizar o enunciatário (este sendo *exposto*), com os verbos, o “você” e a “*memória da influência*” no segmento 5, e o apagamento do *eu*, pois a recomendação é tida como originada de um terceiro, na *mise-en-scène*. Essas proposições simulam a ideia de proeminência e de unanimidade do conhecimento científico.

Outro efeito é o forte cerceamento sobre o *tu*, devido à desaprovação que sofre da redação *Galileu* (advinda do segmento 4), à assertividade atribuída ao *ele* e à assertividade expressa nos advérbios (“só”, “no máximo”), os quais implicam *fortemente* o leitor.

Este é um caso de comportamento alocutivo usado por meio do recurso da modalidade delocutiva como uma estratégia de preservação da face, tal como identificado por Sabino (2018, p. 112):

[n]o geral, trata-se de asserções por meio das quais o locutor apregoa saberes aparentemente indiscutíveis, conhecimentos tidos como unânimes [...]. Embora o locutor não apareça explicitamente, o uso dessa modalidade delocutiva sugere uma posição de poder por parte do falante, que se assume detentor desse saber.

Essa carga injuntiva sobre os leitores faz emergir o imaginário sociodiscursivo da revista, que posiciona os médicos e especialistas *acima* da Redação e dos leitores/cidadãos.

Depois deste parágrafo inicial da NDC2, mantém-se aquela visada predominante de fazer-saber os achados publicados no *The American Journal of Clinical Nutrition*. Já a parte do texto que se inicia no segmento 11 se presta a uma finalidade mais prescritiva.

Do segmento 11 ao 20, o enunciador apaga-se do ato de enunciação por meio da modalidade delocutiva do tipo “*como outro fala*”, que é a categoria de língua discurso relatado (CHARAUDEAU,



2009, p. 85), mas a *ação* recomendada aos leitores da *Galileu* está ali, como podemos averiguar atentando para as marcas linguísticas realçadas a seguir deste trecho, que é a parte 2, cuja finalidade global é prescritiva.

(11) Pensando nisso, Rimm **recomenda** que **as pessoas** evitem ao máximo o consumo de batatas fritas. [...]. (13) “Acredito que seria legal se **as refeições** viessem com uma salada e seis batatas fritas.”. (14) Ele **recomenda** ainda que **as pessoas** mantenham um registro da quantidade de vezes em que comem esse tipo de fritura e que, tendo uma ideia do que se come diariamente, é mais fácil criar e manter hábitos alimentares saudáveis. (15) *Batata quente*. (16) Se a batata é uma "bomba de amido" e as fritas trazem vários riscos para a saúde, ainda é possível consumir o vegetal? (17) **A resposta é sim, mas com moderação**. (18) A especialista Elaine Magee, que já escreveu mais de 25 livros sobre nutrição, **sugere** que as batatas assadas em casa são as mais saudáveis. (19) Depois delas, as fritas também feitas em casa, porém não mergulhadas no óleo, e as batatas doces, que têm mais vitamina A e fibras. (20) Já as batatas chips e com queijo e bacon ficam por último e **devem** ser evitadas. (NDC2).

Como aconteceu nos segmentos de 1 a 5, os segmentos informativos 11, 13, 14, 17, 18 e 20 implicam os sujeitos visados (consumidores ou preparadores de porção de batata frita), mas atenuam essa relação de força idiossincrática do alocutivo, o que é uma estratégia de preservação das faces da redação *Galileu* e do jovem leitor. Além disso, o trecho que compreende os segmentos de 18 a 20 salienta o que *nós-leitores* e consumidores devemos fazer diante do conhecimento contundentemente instaurado na parte 1 da NDC2. Esse trecho, portanto, é tributário do momento de avaliação-ratificação efetuado no segmento 16, o qual introduz um estágio retórico de *conselhos mais práticos*.

O segmento 16 é um alocutivo *formal* e, subsequente a ele, o segmento informativo 17 introduz o estágio em que são *ensinadas* as providências de moderação. Apesar de a modalidade alocutiva nesse trecho não ser direta, a especificação enunciativa é a da relação de força, estando *ciência + enunciador acima* do enunciatário, como o verbo modal deôntico denuncia.

Na NDC2 como um todo – e não somente na parte 2, em que o fazer-fazer é sobrelevado –, promove-se a ciência aplicada, como instância que proporciona benefícios à população, que fundamenta mudanças de hábito na população em prol de sua melhoria de vida.

6 CONCLUSÕES

Este estudo objetivou investigar como o enunciador divulgador de ciência influencia o seu leitor em notícias de DCM da revista *Galileu online*. Para isso, valemo-nos das modalidades enunciativas postuladas por Charaudeau (2014), principalmente a alocutiva, em seus expedientes de





posicionamento do destinatário e de enquadramento dos temas científicos. Com enfoque na modalidade enunciativa, procuramos examinar os efeitos dessa configuração enunciativa na comunicação científica, bem como seu lugar na jogada noticiosa de ciência.

Desse modo, por meio de nossa análise, constatamos que os enunciados alucutivos formais, de modo geral, acentuam a superioridade do enunciador sobre o enunciatário, enfatizando a tensão entre esses sujeitos. A redação *Galileu*, como origem do fazer-fazer, engaja-se sob a vantagem de mostrar-se imaginariamente: *mediador competente, guia didático, inspetor do que o público jovem faz*.

Essas proposições explicitamente na modalidade alocutiva denotam a separação entre a esfera científica e a esfera do cotidiano dos leitores, o que se torna pretexto para um caminho textual paulatino de instalação das bases de coerência, isto é, a conhecida passagem da concepção de senso comum para o saber científico (FUKUI; GIERING, 2016). Além disso, nessas ocorrências, o discurso tende a ser plurilógico, pois as suposições e representações do leitor são valorizadas, o que aponta para o papel fático, didático e ratificativo-avaliativo da modalidade alocutiva. Em resumo, o fazer-fazer é o requisito e uma espécie de testagem para o que vem *depois* no texto.

Notamos, no *corpus*, que a modalidade alocutiva formal – que se dá principalmente nos elementos paratextuais introdutórios ou no 1º parágrafo das notícias – é uma forma estratégica de captar o leitor, uma das duas visadas postuladas por Charaudeau (2014). Como as notícias de DC também estão nesse âmbito mercadológico, o produtor textual realiza esses cálculos para atrair seu leitor ao texto publicado. Nesses casos, essa captação foi revelada por meio do comportamento alocutivo, em uma relação de influência de quem populariza a ciência sobre quem a lê.

Acopladas à modalidade alocutiva que está mesclada com a delocutiva estão as estratégias de preservação de face, manifestadas em recursos comunicativo-pragmáticos tais como: polidez do tipo *off record* (segmento informacional 5 da NDC2), recurso de polidez incluir o outro na atividade linguageira (segmento 15 da NDC2), interpelação dirigida a um terceiro ausente (segmentos 11, 13 e 14 da NDC2). Trata-se de contrabalançar o fazer-fazer com o simulacro da camaradagem e com a lógica de seriedade. E embora *eu* e *tu* se apaguem, o *tu* pode inscrever-se em algum referente impessoalizado do texto, como ocorre na NDC2.

Em suma, em todos os textos analisados, mesmo que a modalidade delocutiva seja predominante, é possível que o produtor textual influencie por atos alocutivos. Confirmamos a hipótese de que a modalidade alocutiva estabelece certos papéis aos sujeitos convocados no discurso (o tu-destinatário, o cientista evocado por discurso citado, o eu-enunciador), para além do arranjo superioridade-inferioridade (CHARAUDEAU, 2014). Isso porque o gênero notícia não se restringe





ao Modo Narrativo, ao Modo Descritivo e ao comportamento delocutivo próprio do Modo Enunciativo. Aliás, uma das notícias (a NDC2) apresenta como um dos seus fins discursivos justamente o fazer-fazer, mostrando, assim, que o fazer-saber pode funcionar apenas como *uma* das linhas mestras do gênero notícia de DCM, devido à forte atuação de atos alocutivos, sejam formais sejam dialógicos.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. *In*: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (org.). **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-29.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2014. 256p.

CHARAUDEAU, P. Sobre o discurso científico e sua midiaticização. **Calidoscópico**, v. 14, n. 3, p. 550-556, 2016a.

CHARAUDEAU, P. A argumentação em uma problemática da influência. **ReVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, edição especial, v. 14, n. 12, 2016b.

CIENTISTAS revelam mais detalhes de mamífero gigante de nove toneladas. **Galileu**, São Paulo, 27 nov. 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Biologia/noticia/2018/11/cientistas-revelam-mais-detalhes-de-mamifero-gigante-de-nove-toneladas.html>. Acesso em: 9 mar. 2021.

EMEDIATO, W. Discurso e WEB: as múltiplas faces do facebook. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 2, p. 171-192, 2015.

FASE da vida? Faixa etária? Construção social? Afinal, o que é adolescência? **Vivendo a adolescência**, Campinas, c2017. Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/adolescencia>. Acesso em: 23 mar. 2021.

FUCHS, J. T.; SOUZA, J. A. C.; GIERING, N. E. A relação de comentário como escolha estratégica em textos midiáticos de divulgação científica. **Discursos de popularização da ciência**, v. 1, p. 51-62, 2009.

FUKUI, A.; GIERING, M. E. A sedução da ausência: o texto e a epistemologia da ciência. **Revista do Gel**, v. 13, n. 3, p. 176-202, 2016.





EXPEDIENTE Galileu. **GALILEU**, Rio de Janeiro, 16 jun. 2016. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/06/galileu.html>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MOIRAND, S. Les indices dialogiques de contextualisation dans la presse ordinaire. **Cahiers de praxématique**, v. 33, p. 145-184, 1999.

MIDIAKIT. Galileu 2015. **Globo**. Disponível em: http://editora.globo.com/midiakit/galileu/midiakit_galileu.pdf. Acesso em: 10 fev. 2021.

O GLOBO. **Revista Galileu**. In: O GLOBO. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EGD363-7833,00.html>. Acesso em: 30 mar. 2021.

O GLOBO. **Princípios Editoriais do Grupo Globo**. In: O GLOBO. Rio de Janeiro, c2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/principios-editoriais/>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SABINO, J. L. M. F. **As estratégias de polidez e as modalidades alocutivas na construção do ethos**: uma análise discursiva de comentários virtuais a partir de redação do ENEM. 2018. 189 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

VEJA fotos de galáxia antes e depois de reparo das lentes do Hubble. **Revista Galileu**, São Paulo, 5 dez. 2018. Disponível on-line em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2018/12/veja-fotos-de-galaxia-antes-e-depois-de-reparo-das-lentes-do-hubble.html>. Acesso em: 9 mar. 2021.

VOCÊ deveria comer só seis batatas fritas por porção, diz médico. **Revista Galileu**, São Paulo, 6 dez. 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2018/12/voce-deveria-comer-so-seis-batatas-fritas-por-porcao-diz-medico.html>. Acesso em: 9 mar. 2021.

Artigo recebido em: 26/04/2021
Artigo aprovado em: 16/07/2021
Artigo publicado em: 30/08/2021

COMO CITAR

GLÜCK, E. P.; ZANDONAI, M. F. Análise linguístico-discursiva da relação de influência da Redação Galileu sobre seu leitor em notícias de divulgação científica. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 10, p. 1-20, e02111, 2021.

